

Jogo que marca 100 anos de rivalidade terá vazio muito maior que o das arquibancadas do Mineirão: o deixado nos corações de parentes e amigos dos torcedores que partiram vítimas da COVID-19

O CLÁSSICO DAS AUSÊNCIAS

PAULO GALVÃO



Passados 13 meses desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou como pandemia a disseminação do novo coronavírus, a COVID-19 já matou cerca de 350 mil brasileiros. Muitos deles, vozes que se calaram nas torcidas de Cruzeiro e Atlético, que disputam hoje o primeiro clássico desde o início da crise sanitária.

São pais, irmãos, filhos, avós que vivem agora nas memórias de familiares e amigos. Exemplos de amor aos clubes de coração, faziam loucuras para ver suas equipes em campo. Viveram glórias e também choraram maus resultados, inclusive contra o maior rival. Angariaram adeptos, influenciaram companheiros, riram e foram vítimas de piadas, sentiram toda a emoção que o futebol é capaz de proporcionar.

Hoje, a partir das 16h, quando a bola rolar no Mineirão pela nona rodada do Campeonato Mineiro, esses torcedores serão lembrados mais uma vez, na certeza de que onde estiverem torceriam para o azul e branco ou para o alvinegro. Representando essa torcida agora silenciosa, o EM lembra as histórias de uma seleção de apaixonados pelo futebol. Pois o vírus é perigoso, tira vidas, mas não mata as memórias. Nem a paixão.



● Pablito

Pablo Roberto Quirino Soares Peruhype era filho de pais cruzeirenses, mas adotou o time celeste como religião por influência do narrador Alberto Rodrigues. Fez parte da Torcida Fanati - Cruz e se tornou um dos maiores influenciadores da China Azul na internet. Segundo o amigo Marcelo Aguiar, nos últimos meses perdia noites de sono pensando em como ajudar o clube a se reerguer. Não perdia um jogo do Cruzeiro, principalmente os clássicos, aos quais gostava de chegar cedo. Morreu em 23 de março, aos 39 anos, deixando a mãe, Maria José, e o filho Gabriel, além de legião de amigos, sendo dos poucos com trânsito livre entre organizadas celestes que não se entendiam bem.



● Biagio Peluso

Integrante de uma das mais tradicionais famílias italianas no Cruzeiro, Biagio Teodoro Francesco Peluso se associou ao clube ainda nos anos 1960. Sempre teve participação ativa, tendo sido vice-presidente entre 2006 e 2011 e de junho do ano passado até a morte, em 13 de dezembro de 2020, aos 71 anos, tendo acumulado, nesse último período, a Diretoria Executiva. "Homem de bem, que topou o desafio de voltar (à direção) no momento mais difícil da história do nosso clube", escreveu o presidente Sérgio Santos Rodrigues. Outro vice, Edson Pötsch, prestou homenagem: "Biagio Peluso, você que honrou o nome do Cruzeiro, estará eternamente na nossa história e corações".



● Ítalo Márcio Batista Astoni

Nasceu em Joaquim Felício, Norte de Minas, e cultivou a paixão pelo Cruzeiro desde 1960, ano em que se mudou para BH. Viu de perto os feitos do time formado por Raul, Procópio, Piazza, Zé Carlos, Dirceu Lopes, Tostão, Evaldo, Natal e companhia. Na década seguinte, vibrou com a conquista da Libertadores e o gol do ídolo Joãozinho. Assiduo no Mineirão, sempre fez questão de levar os filhos Ítalo Júnior, Túlio e Silvia aos jogos. No local, uma grande caixa d'água, estampada com o escudo celeste, atraía os olhares de quem passava. Ítalo morreu por complicações da COVID-19 em 30 de janeiro passado, aos 73 anos. Deixou a esposa, Cida, os três filhos e quatro netos.



● Dudu

Apenas 27 dias depois de completar 45 anos, Eduardo Alves Lopes entrou para as estatísticas das vítimas da COVID-19 na terça-feira. A paixão do belo-horizontino pelo Cruzeiro veio de família e aos 10 anos ele já integrava o Movimento Azul Cruzeirense. Dois anos depois, já estava na estrada para incentivar o time fora de BH, como conta Jacqueline Santos, viúva do torcedor. Ele deixou também a filha Paola, de 5 anos, a mãe e dois irmãos. No Mineirão, ficava sempre no último degrau do setor amarelo. Em casa, o ritual durante as partidas incluía sentar sempre no mesmo lugar e colocar outras camisas, além da que estava usando, sobre o sofá, como se tivesse companhia de outros torcedores.



● Marcolino

Marcos Aurélio dos Santos Tomé era funcionário da Prefeitura de Raposos, onde comandou a Liga de Desportos. Mas ligação mais forte com o mundo esportivo era mesmo o Cruzeiro. Uma das maiores alegrias foi a conquista da Libertadores de 1997, batendo o Sporting Cristal - PER, à qual acompanhou da arquibancada do Mineirão. "Foi uma festa linda", dizia. Nos clássicos, gostava de vaticinar vitórias celestes e não desgrudava do radinho, mesmo vendo o jogo pela TV. Morreu em 12 de julho de 2020, no dia em que completava 55 anos. Deixou a esposa Judith, os filhos Talita, Michael, Talisson e Tainá, além das netas Mariana, Maria Júlia, Alice, Maria Laura e Cecília.



● Dudi

Até 3 de abril, quando morreu aos 39 anos, Marcelo Passos tinha duas grandes paixões: primeiro o Atlético, depois, o jiu-jitsu. Segundo os companheiros, não perdia um jogo em Belo Horizonte, e ainda acompanhava a equipe Brasil afora sempre que podia. Assim, esteve em São Paulo, Rio, Curitiba, Goiânia, além de cidades do interior de Minas. Certa feita, na capital paranaense, perdeu o ônibus de volta para BH depois de um jogo, mas não se apertou e aproveitou para conhecer melhor a cidade. Pelas amizades que fez, ingressou na Galoucura, na qual, a despeito da fama das torcidas organizadas, sempre pregou a paz. "Era exemplo", dizem os amigos. Partiu deixando a mãe, Eunice, e a mulher, Iracema.



● Seu Bahia ou seu Cita

Francisco de Assis Bahia de Carvalho nasceu em Córrego Danta, Centro-Oeste mineiro. Na década de 1950, ao se mudar para BH, conheceu a esposa, Rosa, e ficou mais próximo do clube do coração. Em 1971, foi em caravana para o Rio, onde testemunhou a conquista do Brasileiro. Na infância dos filhos Anderson, Eloara e Alisson, quando ia ao Mineirão gostava de passar pela Charanga do Galo, para sentir a emoção e transmitir a paixão pelo alvinegro aos pequenos. Já com idade avançada, deixou de frequentar o estádio e via as partidas pela TV. Morreu em 25 de março, aos 88 anos. Deixou esposa, três filhos e seis netos: Giorgio Lucca, Giulia Gabriella, Rafael, Luiza, Thor e Lívia.



● Rafa "Pinguim"

Entre torcedores, Rafael Bruno Bitencourt ganhou o apelido de Pinguim. Não perdia clássicos, a ponto de, em 7 de março do ano passado, avisar à família que só ficaria até 15h no almoço de comemoração dos seus 29 anos. "Tem jogo do Galo", justificou. Segundo a irmã Bruna, só vestia camisas relacionadas ao clube. "Era realmente a segunda pele", diz ela, recordando o aniversário de um sobrinho cruzeirense, ao qual todos deveriam ir de azul ou branco: "Ele foi com a camisa do Atlético". Morreu em 2 de abril, aos 30, e foi sepultado com a camisa de que mais gostava, ao som do hino atleticano. Deixou pais, irmãos e a noiva, com quem se casaria em 12 de junho.



● Os Ataíde

A família Ataíde perdeu dois de seus pilares em setembro, quando se foram José Paulo Silveira Ataíde (foto), então com 74 anos, no dia 8, e Juscelino Eustáquio Ataíde, o Tino, de 73, no dia anterior. O Atlético perdeu dois dos mais fervorosos torcedores. Eram os mais velhos de 15 irmãos. Zé Paulo foi vereador, secretário de Saúde e candidato a prefeito de Brumadinho. Deixou viúva, quatro filhos e seis netos. Tino não deixou descendentes. A paixão pelo alvinegro era tamanha que os levou de táxi ao Maracanã, em 1971, para assistir à conquista do Brasileiro diante do Botafogo. Eram frequentadores assíduos dos jogos, até a pandemia mudar tudo. Definitivamente.



● Doutor Marcão

O amor do pediatra Marcos Evangelista de Abreu vinha de berço e foi passado para o berço dos filhos, como bem explica Guilherme, de 17 anos. "Lembro-me de a gente cantando juntos o rap do Galo, quando eu era muito pequeno", conta. Para vestir, quando não estava trabalhando, unia o branco da profissão ao preto, tendo "mais de 10 camisas do Galo". Esteve presente no último clássico com torcida, em 7 de março de 2020, e vibrou muito com o gol de Otero, que deu a vitória ao alvinegro. Ultimamente, além do bom momento do time, estava entusiasmado com a construção do estádio próprio. Morreu aos 54 anos, em 22 de janeiro, deixando, além de Guilherme, a filha Natália e a mulher, Débora.

O "ANFITRIÃO"



● GILBERTO

Gilberto Fernandes de Almeida era um dos funcionários mais conhecidos do "novo" Mineirão. Afinal, a função de responsável pela área de competição do estádio o obrigava, desde que foi admitido, em 2013, a ser um dos primeiros a chegar e dos últimos a sair. Recebia as delegações, era responsável pelos vestiários, pelo apoio à arbitragem e a tudo que se relacionava ao campo de jogo. E, geralmente, "apagava" as luzes, pois conferia se todos os acessos à área de competição estavam fechados e acompanhava a saída do último profissional de imprensa e dos responsáveis pelo exame antidoping. Nasceu no Rio, em 16 de março de 1962, e se tornou uma das vítimas da COVID-19 em 31 de março de 2020. Deixou a mãe, que mora em Anchieta (ES), as filhas Stephanie e Letícia, e dois netos, Bernard e Giovanna.